



Mulheres Negras, Comunicação, Identidade e Cidadania no Clube Social Negro Treze de Maio de Santa Maria-RS¹

Giane Vargas ESCOBAR²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre a relação mulheres negras, identidade e cidadania, sob a perspectiva dos estudos culturais e uma comunicação sob a ótica da afrocentricidade, ao trazer para o texto vozes negras femininas do Clube Treze de Maio, percebendo como estas mulheres aceitaram, rejeitaram ou transgrediram aos padrões de comportamento de uma sociedade conservadora e modelos de representações a elas impostos no interior daquela agremiação, demarcando aí os conflitos, as identidades e as diferenças que se estabeleceram até mesmo entre os pares supostamente iguais.

Palavras-chave

Comunicação; afrocentricidade; mulheres negras; identidade negra; cidadania

Cidadania, identidade e diferença no Clube Treze de Maio

A origem dos Clubes Sociais Negros é anterior à Abolição da Escravatura, em 1888. Pode-se citar a Sociedade Floresta Aurora, de Porto Alegre, Clube Social Negro mais antigo do país, em atividade, fundado em 1872³. Em 29 de fevereiro de 2008, Oliveira Silveira⁴ e os integrantes da Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros dos Estados do RS, SC, SP, RJ e MG elaboraram um conceito de Clube Social Negro, definindo desta forma que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em cultura e identidade do V SIPECOM – Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pelo POSCOM – Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFSM, email: giane2.vargasescobar@gmail.com

³ Cadastro Nacional de Clubes Sociais Negros. **Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora**. Porto Alegre, RS. Acervo Museu Treze de Maio. Santa Maria –RS, 2008.

⁴ **Oliveira Ferreira da Silveira**, poeta negro brasileiro, nascido em 1941 na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Filho de Felisberto Martins Silveira, branco brasileiro de pais uruguaios, e de Anair Ferreira da Silveira, negra brasileira de cor preta, de pai e mãe negros gaúchos. Graduado em Letras – Português e Francês com as respectivas literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Docente de português e literatura no ensino médio. Ativista do Movimento Negro, idealizador do “20 de Novembro” como Dia Nacional da Consciência Negra e idealizador do Movimento Clubista. Faleceu no Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2009, vitimado pelo câncer.



Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio.⁵ (SILVEIRA, 2008 *apud* ESCOBAR, 2010, p. 61).

E foi a partir do século XX que esses lugares foram se proliferando pelo país, como um espaço de sociabilidade negra demarcador de fronteiras étnicas, de cidadania, de identidade e diferença (Woodward, 2000), constituindo juntamente com os terreiros, casas de matriz africana, comunidades remanescentes de quilombo, imprensa negra, legítimos territórios de resistência negra, memória e poder de uma “elite negra”, essencialmente urbana.

Quando se fala em “elite negra” é importante ressaltar que se trata de “uma definição limitada aos quadros negros que ocuparam posições privilegiadas nas suas comunidades de origem” (SANTOS, 2011). Em Santa Maria, por exemplo, ao fazerem parte dos quadros de trabalhadores efetivos da Ferrovia esses trabalhadores negros tiveram condições sociais, materiais e capital cultural para circular por toda a sociedade. Conseguiram fundar uma sociedade negra, adquiriram um terreno e construíram uma edificação de dois andares que hoje está localizada em um bairro nobre, o centro da cidade universitária, constituindo assim, naquele período, em sua origem, uma classe média baixa, que se utilizou das influências pessoais e políticas que a maioria dos membros de sua comunidade de origem étnica estava excluída.

Consta na “Acta da Fundação”⁶ da terceira sociedade negra mais antiga do Rio Grande do Sul, fundada em 1903 que

Aos treze dias do mes de Maio de mil novecentos e tres, em a residencia do *cidadão* Sisnande d’Oliveira, reunidos em numero de quarenta e sete *cidadãos*, foi fundada uma sociedade com o fim de comemoração a gloriosa data treze de Maio. Por aclamação assumio a cadeira de presidente o cidadão Jose Fontoura que fazendo uso da palavra, expôs vivamente os motivos d’aquela reunião. Em seguida sucederam-lhe na tribuna os Srs. Ouvidio do Prado, Manuel de Moura, José Alves Teixeira e Tudio da Silva, que também, em eloqüentes palavras, fizeram a apologia dos altruísticos fins em que se prende a sociedade ora fundada [...]. (SOCIEDADE TREZE DE MAIO. **Acta da Fundação**. Santa Maria, 1903-1914).

⁵ Publicado em Ata da Reunião da Comissão Nacional de 29 de fevereiro de 2008. Disponível em: <<http://www.clubesnegrosbr.blogspot.com>> . Acesso em: 14 dez. 2009.

⁶ SOCIEDADE TREZE DE MAIO. **Acta da Fundação**. Santa Maria, 1903-1914.



Neste documento oficial da Sociedade negra aparece a palavra “*cidadão*” e “*cidadãos*” em suas primeiras linhas, reafirmando aquilo que o processo pós-abolição negou à população negra, o pleno exercício da cidadania, pois o dia seguinte, 14 de maio de 1888 trouxe consigo exclusão, inúmeras barreiras à mobilidade social de trabalhadores negros, racismo, preconceito, intolerância e levou quase um século para que esta data fosse contestada, neste caso deslocando a ênfase da “representação para as identidades” (Woodward, 2000, p. 18). Da liberdade concedida à liberdade conquistada; da Princesa Isabel à Zumbi dos Palmares⁷.

Além de promover o conagraçamento entre os seus membros, o clube tinha finalidade de cunho social e de solidariedade, sendo que no interior dessa agremiação nasceram, depois, blocos e escolas de samba, além de jornais genuinamente negros, como por exemplo “O Tigre” e “A Voz do Treze”⁸, este último impresso circulou na Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio até a década de 1970, conforme depoimento de Reci Alves Tolentino (2013) que foi o idealizador deste periódico.

Segundo relatos de antigos sócios, a primeira edificação foi construída em regime de mutirão, era de madeira com teto de zinco, tendo somente a parte da frente em alvenaria. Foi construída por operários negros da Viação Férrea, que recebiam da direção, tábuas dos vagões de trens desmanchados. Desta forma, esses trabalhadores, que embora tivessem situação financeira diferenciada da maioria da população negra da cidade, também tinham acesso proibido às dependências dos tradicionais clubes brancos, como o Caixeiral ou o Comercial, forjaram um espaço em que se organizaram coletivamente.

O clube atingiu seu auge nas décadas de 1960-1980 e viu parte de sua história sucumbir em meados dos anos de 1990-2000 (ESCOBAR, 2010), cedendo a partir de 2001 o seu espaço físico para a materialização de um museu comunitário. A edificação atual foi construída na década de 1960, pelos associados que ali depositaram um “sonho”, um projeto que deu certo e que se mantém até os dias de hoje, completando 110 anos em 2013.

⁷ Líder quilombola negro assassinado em 20 de novembro de 1695. Após longos anos de contestação às comemorações do 13 de Maio, a data de sua morte passou a ser o símbolo máximo da representação das lutas do povo negro no Brasil, sendo que instituiu-se o 20 de Novembro como o dia Nacional da Consciência Negra.

⁸ Jornal A Voz do 13. **O Grande Baile**. Fundado em 6/1/1965. Número 5 e 6. Ano 2.



Um dos pontos altos do Clube Treze de Maio eram os bailes, as festas, local de encontro de famílias negras. Alcione Flores do Amaral (2013), que completou 60 anos em 2013 ressaltou que o clube contribuiu sobremaneira para a sua formação e que o frequentou desde os nove anos de idade até o encerramento de suas atividades ao final da década de 1980,

Então, eu sempre digo assim: além do meu pai, da minha mãe, eu tive na minha formação dois pontos muito interessantes e fortes, que foi o meu estudo no colégio Santana, desde os cinco anos e meio de idade, que as irmãs, através da igreja católica ajudaram a minha mãe. Porque eu sou filha única. Ajudaram na minha formação. E o outro ponto fortíssimo é o onde eu frequentava, que era o 13 de Maio. Então, eu estudava no colégio Santana, mas a minha vida social era toda no 13 de Maio. Então, aqui neste 13 de Maio, eu fui Rainha Infantil do Carnaval. Eu fiz a minha festa de 15 anos. Eu debutei no 13 de Maio. A festa de 25 anos de casados dos meus pais foi no 13 de Maio. O casamento da minha prima, que saiu agora a pouco, foi no 13 de Maio. Então, tudo era aqui. A minha vitória, e de alguns amigos no vestibular da Universidade Federal de Santa Maria, foi festejada neste clube. Então, o clube contribuiu muitíssimo na minha formação. (AMARAL, Alcione Flores do. **Alcione Flores do Amaral**: depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013).

Segundo Giacomini (2006, p. 143) “a festa, de fato, constitui importante divisor de águas. Momento de sociabilidade por excelência, encontro do grupo, momento de fruição dos outros e de si mesmo, a festa desempenha papel central na vida coletiva e na formação dos indivíduos”.

E é por meio da festa que também que se pode pensar o processo de comunicação, no qual têm prevalência as relações humanas, a oralidade, a música, a corporeidade. Marialva Barbosa (2013) ao explicar a passagem da oralidade primária para a secundária diz que

Somos uma sociedade oralizada, e a história da comunicação no Brasil é a compreensão desse universo de práticas culturais dos modos orais de comunicação que foram se transformando na longa duração. Do burburinho das ladeiras e ruelas do século XVIII, que causava aflição aos ouvidos e aos sentidos dos europeus, ao som que acompanha os transeuntes das cidades modernas, que insistem em falar em voz alta nos telefones celulares construindo novos burburinhos urbanos, há uma linha de continuidade. (BARBOSA, 2013, p. 11).

Nesse sentido se pensa a comunicação numa perspectiva da afrocentricidade, deslocando um olhar eurocêntrico, no qual se estuda a história da comunicação a partir



de mundos absolutamente estrangeiros, que não contempla as especificidades do que ocorreu no território brasileiro, pois aqui a comunicação ganhou aspectos particulares, como estas formas de sociabilidade entre famílias negras de um clube social negro, numa cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul.

A afrocentricidade é a teoria que diz que os povos africanos têm que ver o mundo desde sua própria perspectiva, o que significa que a pessoa africana, em todas as situações, é um agente sujeito da sua própria experiência, não só nas margens da Europa. Durante 400 anos, os povos africanos têm sido removidos de estar no centro da sua própria experiência. A afrocentricidade é uma perspectiva que permite aos povos africanos se realocizarem ao centro de sua própria experiência. [...] A afrocentricidade é um projeto para a sanidade, para resgatarmos esse orgulho milenar que o processo do escravismo desvirtuou. [...] Afrocentricidade responde esta questão assegurando o papel central do sujeito africano dentro do contexto histórico africano, por conseguinte, removendo a Europa do centro da realidade africana. Deste modo, Afrocentricidade promove uma idéia revolucionária porque estuda idéias, conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos de um ponto de vista do povo negro como sujeito e não como objeto, baseando todo conhecimento na autêntica interrogação sobre a localização. (ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade em Questão. Disponível em: <http://racismoambiental.net.br/2013/06/afrocentricidade-em-questao-2/> Acesso em: 20Set2013).

Partindo do ponto de vista da afrocentricidade é possível analisar com mais propriedade os processos de sociabilidade e formas específicas de se comunicar evidenciados naquele universo específico, naquela agremiação, pois ali era o lugar onde o negro de Santa Maria se “sentia em casa”, conforme palavras de uma frequentadora assídua do Treze, Doroti Santos Lucas, 70 anos (2013) ressalta que a “sua época” faz bastante tempo. Segundo ela o Clube era também o lugar de controle, de cuidados, em especial para com as mulheres negras, um lugar que exigia uma “conduta exemplar”, dentro e fora dele, sem desvios e aquele que assim procedesse era convidado a se retirar, pois “na minha época existiam os olheiros”.

Para o jamaicano Stuart Hall (2003), “a casa” se constituiu naquele local para o qual ele nunca voltou efetivamente, pois a experiência da diáspora africana para os negros escravizados e a sua própria experiência, em particular, fez com que a Jamaica, se tornasse o seu país perdido, “onde já não me sinto em casa”. Entretanto, no caso dos frequentadores do Clube Treze de Maio, embora todas as adversidades locais e a aversão à presença dos trabalhadores negros, pelas elites santamarienses, eles resistiram



e naquele lugar constituíram o que eles chamam de sua “segunda casa”, a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, popularmente conhecida como “O Treze”.

Em relação à rigidez e normas de comportamento dentro do Clube Treze de Maio, Amaral (2013) é enfática ao afirmar que não se sentia incomodada com as regras impostas pela Sociedade Treze de Maio e os “diretores de salão”, pois

Eu estava inserida nesse período. Pra mim, todas as coisas eram normais. Eu não lembro assim, de ficar furiosa com o 13 de Maio por causa de algumas normas. Mas nós éramos, os bailes eram com a luz bem clara. Os nossos pais nos acompanhavam nas festas, nos bailes. Já tô falando mais lá na adolescência, né. E haviam os diretores de salão. Então, eles verificavam se tu estava tendo um comportamento que eles considerassem impróprio pra aquela festa. Por exemplo, dançar com rosto colado com um rapaz não podia, era feio. E a gente entrava com os pais, ou com alguém responsável. Ninguém saía daqui pra ir ali fora e voltar. Essas coisas não me atingiram, assim. Eu obedecia, não tinha problema. A minha mãe estava sempre de olho, vendo com quem que eu dançava, como é que eu dançava. (AMARAL, Alcione Flores do. **Alcione Flores do Amaral:** depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013).

Hall (2003), ao dirigir sua reflexão à condição das mulheres de comunidades de minoria étnica localizadas na Inglaterra, que buscava implementar políticas públicas de inclusão de seus habitantes que ali chegavam em consequência da diáspora negra pelo mundo, constata que há ainda um outro princípio de diferença no interior das particularidades de gênero.

Algumas mulheres, que acreditam que suas comunidades têm o direito de ter suas diferenças respeitadas, não desejam que suas vidas enquanto mulheres, que seus direitos a educação e as escolhas matrimoniais, sejam governados por normas reguladas e policiadas pela comunidade. Mesmo quando se trata dos setores mais tradicionalistas, o princípio da *heterogeneidade* continua a operar fortemente (HALL, 2003, p. 76).

Além disso, nas culturas em que aportaram a partir da diáspora negra, homens e mulheres encontravam sistemas de representações já postos, em que papéis de classe e de gênero já estavam constituídos. Assim, às reivindicações específicas das diferenças étnicas, ainda era preciso acrescentar a luta por políticas de reparação de desigualdades entre ricos e pobres e entre homens e mulheres.

Etnicidades dominantes são sempre sustentadas por uma economia sexual específica, uma figuração específica de masculinidade, uma identidade específica de classe. Não existe garantia, quando



procuramos uma identidade racial essencializada da qual pensamos estar seguros de que esta sempre será mutuamente libertadora e progressista em todas as outras dimensões. Entretanto, existe sim uma política pela qual vale lutar (HALL, 2003, p. 347).

Por fim, este autor conclui que apesar de haver experiências negras historicamente compartilhadas (como a escravidão, por exemplo), a pluralidade de antagonismos e diferenças no interior das culturas contribui para a dificuldade de se manter unidade no que diz respeito à reivindicação de políticas públicas voltadas aos negros, tendo em vista a complexidade das estruturas de subordinação que moldaram as diferentes formas de inserção, nas diferentes culturas, de homens e mulheres que, em princípio, partilham a experiência da diáspora negra.

A questão não é simplesmente que, visto que nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de *differences* — de gênero, sexualidade, classe. Trata-se também do fato de que esses antagonismos se recusam a ser alinhados; simplesmente não se reduzem um ao outro, se recusam a se aglutinar em torno de um eixo único de diferenciação (HALL, 2003, p. 346).

O conservadorismo do Clube Treze de Maio era encarado por Alcione como algo normal, embora ela tenha tentado em certa ocasião transgredir às regras, porém acabou logo depois cedendo às imposições do clube que não permitia qualquer tipo de desvio, em especial em relação às roupas que os associados podiam ou não vestir nos eventos.

[...] Eu ganhei da minha mãe, na época do natal, um macacão tomara que caia, comprado na Elegância Feminina, e tinha uma festa aqui. E eu vim de macacão. Fiquei lá na calçada. Porque a pessoa que estava na porta disse assim pra mim: Alcione tu não pode entrar. E eu disse: Por quê? Porque tu tá de macacão. E a festa era de vestido. E daí, dali eu fui pra casa, troquei a roupa, e voltei e fiquei no baile. Mas, isso assim sabe realmente não me incomodou. Mas, eu ouço, hoje, amigos meus dizendo, por exemplo, que uma pessoa que era militar, que veio de Porto Alegre, e não trouxe o traje. Os homens só entravam de traje aqui, completo. Depois, uns anos depois, abriu pra um casaco, pra uma cor e a calça de outra. E às vezes, até com a gola na orelha, sem gravata, que ficou na moda. Mas, naquela época, ele veio pra Santa Maria, e só trouxe a roupa, que era uma roupa de gala do quartel que ele pertencia, e não poderia frequentar aquele baile, que estava acontecendo aqui. E ele chegou e não permitiram que ele entrasse. Daí, ele voltou em casa, botou a roupa de gala do quartel e veio. E ele reclama disso com muita mágoa até hoje. Eu não tive esse tipo de sentimento. (AMARAL, Alcione Flores do. **Alcione Flores do**



Amaral: depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013).

Aqui se percebe o quanto “o corpo era também lugar de armazenamento de uma informação cultural que podia ser reutilizada” (BARBOSA, 2013, P. 26). Assim a roupa que uma determinada pessoa estava vestindo, aos olhos dos gestores e diretores de salão era uma forma de se comunicar, de se expressar ou de afrontar o coletivo. E no clube os associados só poderiam entrar extremamente alinhados, de acordo com padrões rígidos de vestimenta e de comportamento, contrariando todos os estigmas negativos que a sociedade branca impunha aos negros.

Esse sentimento de mágoa do amigo de Alcione muitas vezes é explicitado por alguns participantes das Rodas de Lembranças do Museu Treze de Maio, pois não podiam frequentar o clube, não por tentar transgredir as regras e ter condições de voltar para casa, trocar de roupa e retornar, mas por não terem as mesmas condições materiais, econômicas e culturais que aquele grupo que pertencia ao quadro efetivo de trabalhadores da ferrovia em Santa Maria tinham, ou seja, as identidades e as diferenças estavam ali estabelecidas, reafirmando o que Woodward (2000, p. 9) nos explica “a identidade é, assim, marcada pela diferença”. Era uma “elite negra” e “os outros negros” que não podiam frequentar “O Treze”, mas que buscavam também construir as suas formas de sociabilidade em outro lugar que marcou a história e a memória da cidade de Santa Maria, o Clube União Familiar.

Amaral (2013) destaca ainda a importância do Clube Treze de Maio na sua formação e também na mobilidade social do grupo de jovens amigos no qual ela estava inserida, abordando dois tipos de educação, a formal e a informal, ambas constituidoras de sua personalidade. E para além da educação familiar foi dentro desse Clube que ela e seus amigos foram incentivados a ingressar em uma universidade pública,

Os que fizeram vestibular comigo, eram assim: eram sete amigos, cinco negros e dois brancos. Esses brancos eram militares, do Rio de Janeiro, que vieram pra Santa Maria fazer o curso de aperfeiçoamento de sargento do exército. E aqui eles prestaram vestibular. Eles dançaram aqui no 13 de Maio, também. Eles tinham aquele viés do Rio de Janeiro, eles não se importavam muito com essa função do clube ser de negros. Então eles vinham aqui, vinham nas festas, faziam carnaval. Então, cinco negros e dois brancos, que fizeram vestibular no ano de 1972. Então, eu lembro bem assim, era eu Alcione Flores do Amaral que fez o curso pra Letras (português – inglês). A Neli Flagra Ferraz, que hoje é a minha comadre, fez o



vestibular pra Direito. O Nelson Moura dos Santos, que fez o vestibular pra Medicina. O Marcos Bittencourt, que fez o vestibular pra Engenharia Civil, e o... Agora eu não lembro o nome dele, a gente sempre chamou de Índio, que fez vestibular pra Veterinária. E todos eles frequentavam aqui, todos foram os aprovados. Os dois brancos não passaram, foram classificados, não é que não passaram, foram classificados. Então, aquilo foi uma vitória pro Clube. Então, o Clube fez uma comemoração, uma festa, em que nós fomos apresentados como os vestibulandos aprovados no vestibular da Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 1972. Isto é muito marcante, muito, muito interessante. (AMARAL, Alcione Flores do. Alcione Flores do Amaral: depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013).

Cidadania, identidade e diferença estavam em jogo naquele lugar que sentia “orgulho dos seus” e que promoveu uma grande festa para comemorar a aprovação daqueles jovens que pertenciam àquela Sociedade, conforme ressalta Alcione ao repetir que naquele Vestibular de 1972 “amigos brancos militares não passaram”, demarcando aí a diferença entre ser e pertencer a um grupo “vitorioso”, um grupo que era diferente, mesmo que fossem amigos e que esses amigos se identificassem de certa forma com aquele grupo étnico.

Segundo Woodward (2000, p. 11) a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares, como neste episódio. São “identidades que adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Neste caso, os dois militares brancos não faziam parte daquele grupo, embora estivessem juntos e fossem bem recebidos naquele clube social negro, inevitavelmente estavam separados.

Liv Sovik (2011)⁹, ao ministrar uma palestra com o tema "Os Mecanismos Culturais da Discriminação Racial" nos explica que “a favela é um lugar que recebe bem o branco” e que a democracia racial existe quando o branco é acolhido em território negro. Sovik ressalta ainda, que

“O problema é que a convivência inter-racial harmônica acontece quase que invariavelmente quando o negro acolhe o branco em seu território afetivo, social, político ou cultural e o contrário dificilmente acontece. Isso resulta na figura do negro “fora de lugar”, em espaços brancos”. (SOVIK, 2011)

⁹ Palestra da professora do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, Liv Sovik, abordando o tema "Os Mecanismos Culturais da Discriminação Racial", em 15 de julho de 2011. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=gKWDJ_X3iNE. Acesso em: 23set2013.



Segundo Sovik (2011) “o branco dificilmente acha que está fora de lugar, pois as elites brancas acreditam que todos os espaços são seus”. Agora, entre os espaços brancos o negro não é bem recebido e as piadas racistas são ouvidas a todo momento, o “nós e eles” estão sempre presentes.

No caso desta análise, busca-se, então, ouvir as mulheres negras que frequentaram o Treze, para perceber que tipo de negociações foram sendo feitas para que elas transitassem nos universos culturais que estavam postos na sociedade santamariense e, ainda, no interior da uma organização clubista com papéis diferenciados dando conta de posições distintas quanto ao gênero. Em outras palavras, trata-se de investigar sua percepção subjetiva de identidade negra no feminino e suas particulares formas de empoderamento social.

As Rodas de Lembranças do Museu Comunitário Treze de Maio

O Museu Comunitário Treze de Maio foi idealizado em 2001 pelo Movimento Negro local e alunos do Curso de Especialização em Museologia da UNIFRA¹⁰. Com certidão de nascimento datada de 20 de novembro de 2003¹¹ e sede materializada no mesmo local que um dia abrigou a terceira¹² agremiação negra mais antiga do Estado, a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio (SCFTM), ou simplesmente “O Treze”, como ficou popularmente conhecida, completou 110 anos de história em 13 de maio de 2013.

Um dos eventos mais esperados a cada ano pelos dinamizadores do Museu e que se realiza no mês de novembro durante as comemorações alusivas do Dia Nacional da Consciência Negra é a Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio, ganhando novas formas e novas metodologias de animação e mobilização dos antigos associados e comunidade. Em 2009, quando o Museu ainda não possuía perfil no Facebook e blog,

¹⁰ O curso se realizou entre os anos de 2001 a 2002, no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), na cidade de Santa Maria (RS). O grupo de acadêmicos que idealizou o Museu Comunitário Treze de Maio em sala de aula era composto por quatro alunos: Giane Vargas Escobar, João Heitor Silva Macedo, Antonia Mariza P. Cesar e Jussara Lopes.

¹¹ MUSEU TREZE DE MAIO. **Estatuto de Organização**. Capítulo I. Art. 1º. Santa Maria, RS. 20 de novembro de 2003.

¹² Conforme o Cadastro Nacional de Clubes Sociais Negros (<http://www.clubessociaisnegros.com.br>), a agremiação negra mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul (e do Brasil) é a Sociedade Floresta Aurora de Porto Alegre, fundada em 1872. O segundo Clube Social Negro mais antigo do estado é a Associação Satélite Prontidão, de 1902, também localizada na Capital gaúcha.



os convites eram efetuados pessoalmente e por email. A partir de 2010, além de permanecer o convite pessoal, que não foi abolido, ainda se conta com a eficiência da comunicação nas redes sociais e a cada ano mais convidados aparecem para contar suas histórias, tornou-se um evento de expressiva relevância para o Museu.

E foi inspirado na oficina “Roda de Lembranças com os pescadores de Sepetiba”, em 2009, durante a I Jornada Formação em Museologia Comunitária¹³, em Santa Cruz no Rio de Janeiro, que o Museu Treze de Maio inseriu na sua programação da 21ª Semana Municipal da Consciência Negra, em Santa Maria, a I Roda de Lembranças com os antigos sócios do Treze, realizada no dia 16 de novembro de 2009.

O Museu Treze de Maio realiza há quatro anos esta atividade com antigos sócios do clube, com vistas a reconstituir seu patrimônio imaterial e deixar um registro “para nunca mais esquecer”. Uma presença marcante nestes eventos é a da figura feminina, mulheres negras que um dia frequentaram o clube Treze de Maio e que com sua visão de mundo contam e lembram fatos que só encontros coletivos como este podem proporcionar.

Assim, o Museu adquiriu experiência em realizar este tipo de evento e, ao longo de sua trajetória, tem agregado cada vez mais pessoas e a cada ano, públicos mais heterogêneos. No início somente com antigos sócios, na segunda edição despertou o interesse e foi notória a presença de estudantes e pesquisadores, bem como os familiares destes, no terceiro e no quarto ano mais jovens participando e as mulheres majoritariamente tomando para si a tarefa de transmitir essa memória coletiva. A IV edição deste evento aconteceu no dia 16 de novembro de 2012, durante as comemorações alusivas à 24ª Semana Municipal da Consciência Negra de Santa Maria que teve como tema “Pretinhosidades”¹⁴.

Este evento trouxe também as “*Rainhas e Princesas do Clube Treze de Maio*”, pois se percebeu em atividades anteriores que as mulheres negras é que se

¹³ Giane Vargas Escobar, na qualidade de colaboradora voluntária e Diretora Técnica do Museu Treze de Maio participou deste evento apresentando trabalhos e ministrando palestras.

¹⁴ O tema “Pretinhosidades” remete aos princípios e valores africanos: oralidade, diversidade, integração, ancestralidade, circularidade, corporeidade, comunitarismo, solidariedade. Conduzindo a sociedade santamariense à memória de uma cultura construída, mantida e resistente ao longo destes quinhentos anos de luta. Um olhar ressignificante e identitário que enlaça. Disponível em: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/2012/11/24-semana-da-consciencia-negra.html>. Acesso em 02jan2013.



constituem em “guardiãs da memória” do Treze e que seria oportuno ouvi-las, registrando suas falas e ampliando suas vozes através dos recursos comunicacionais hoje disponíveis. Desta forma, prestou-se uma homenagem especial àquele grupo de mulheres negras em um espaço que outrora foi um lugar privilegiado dos homens negros, fato que se observa nos registros das carteirinhas, documentos administrativos e fichas de associados, em que as mulheres eram sempre dependentes, e quando separadas ou viúvas não podiam mais fazer parte do quadro de associados.

Até mesmo a ausência delas nas galerias de fotos dos ex-presidentes dos Clubes Negros, majoritariamente masculinos, dá notícia do papel coadjuvante das mulheres negras que, por outro lado, figuravam com belos e impecáveis vestidos de festas, elegantemente vestidas nas inúmeras fotografias dos bailes, nos concursos de beleza, organização exclusiva do Departamento Feminino do Treze, no auge de sua existência. E esta é a principal lembrança das mulheres que frequentam este evento, pois o imaginário contraria a regra, que relega à mulher negra inúmeros papéis secundários, subalternos, estigmatizados e estereotipados, ainda nos dias atuais, e assim se afirmam positivamente identidades negras no feminino.

Organizada pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa Étnico-histórica do Museu Treze de Maio¹⁵, a IV Roda de Lembranças contou com a presença de aproximadamente cinquenta pessoas. A expressiva participação do público se atribui também ao sucesso das postagens nas redes sociais, material gráfico cuidadosamente elaborado pelos próprios dinamizadores do museu e os inúmeros compartilhamentos de seus eventos na internet.

Várias metodologias vêm sendo utilizadas nas Rodas de Lembranças do Museu Treze de Maio no exercício constante de um “método maiêutico”, que segundo Varine (2012, p. 123-124) “exige tempo, constância na vontade política e individual, um rigor no respeito aos princípios (escuta, respeito das opiniões, debate mediatizado, devolução de validação dos resultados, etc)”. Contudo, a cada ano essas metodologias se modificam, pois surgem novas idéias e novos atores passam a integrar as ações do Museu, ressignificando a identidade cultural negra.

¹⁵ Sob a Coordenação da Arquivista Leticia Aguiar a partir de 2010 e mediada por Giane Vargas Escobar em todas as suas edições, desde 2009.



Considerações Finais

O Museu Treze de Maio, enquanto lugar privilegiado de construção da memória e da história, bem como responsável pela difusão desta, não se limita à nostalgia do passado, ele age de maneira pró-ativa (COSTA, 2008). Ao buscar, em suas práticas cotidianas, a igualdade de oportunidades e de direitos, o Museu suscita o debate e o confronto de idéias, tanto internamente quanto pelas redes sociais, pelas ruas e praças da cidade, fazendo destes genuínos espaços alternativos de educação extramuros escolares, e atuando no sentido de promover a renovação cultural da sociedade em que se encontra inserido.

As reflexões abordadas neste estudo vêm demonstrar o caráter de formação e difusão de ideias da internet e dos instrumentos midiáticos de que hoje se dispõe e propor que através deles é possível trabalhar na desconstrução dos estereótipos que mantém os negros brasileiros à margem dos direitos devidos a todos os cidadãos. Trata-se da subversão dos usos hegemônicos dos meios para, reconhecendo-lhes as possibilidades educacionais, empregá-los a favor daqueles que se reconhecem descendentes de africanos e que se negam a assimilar ideias e conhecimentos depreciativos ao que vem da sabedoria construída a partir de suas raízes.

Ao dar visibilidade a homens e mulheres negras, os espaços comunicacionais do Museu dão voz àqueles que historicamente vêm sendo alijados das pautas dos grandes conglomerados midiáticos, restritos a abordagens supostamente multiculturais, que mais das vezes se restringem a efemérides, como o Dia Nacional da Consciência Negra. E, assim fazendo, reforçam de forma positiva identidades culturais que só se viam representadas na mídia como 'singularidade étnica', em alteridade ao grupo hegemônico branco. Nesse sentido, ao reconstituir e fortalecer identidades negadas, relegadas às marcas da diferença, os espaços comunicacionais do Museu, como os proporcionados pelas *Rodas de Lembranças*, cumprem a sua vocação educacional, contribuindo para a difusão de um discurso próprio, ou seja, o contra-discurso.

Sabe-se que “branquitude é atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide” (SOVICK, 2009, p. 50) e que a comunicação desempenha papel fundamental



na desconstrução de estereótipos e estigmas negativos da população negra. Assim, ao realizar e divulgar por meio da internet as *Rodas de Lembranças*, o Museu Comunitário Treze de Maio cumpre seu papel na formação das identidades da população negra santamariense, em especial das mulheres negras, vindo ao encontro do que prevê a Lei 10639/2003, ao envolver além de antigos sócios do Clube, os atuais personagens do dia a dia do Treze, a comunidade negra, estudantes e professores, que também encontram neste evento um meio de conhecer um pouco mais sobre as afro-brasileiras, a diáspora africana que se dirigiu ao Sul do país, suas apropriações e reinvenções em Santa Maria.

Referências bibliográficas

AMARAL, Alcione Flores do. **Alcione Flores do Amaral**: depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. Atribuição de valor ao patrimônio material e imaterial: afinal, com qual patrimônio nos preocupamos? In: CARVALHO, Claudia S. Rodrigues et al. (orgs). **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural). Santa Maria: UFSM, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. 308 p.

HALL, Stuart. **Desestabilizando a Cultura**. In: HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 73-76.

_____. **Que “Negro” é esse na Cultura Negra?** In: HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 335-349.

LUCAS, Doroti dos Santos. **Doroti dos Santos Lucas**: depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013.



SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História.** Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. 2011, 281 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre. 2011.

SOCIEDADE TREZE DE MAIO. **Acta da Fundação.** Santa Maria, 1903-1914.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TOLENTINO, Reci M. A. **Reci Mauro Alves Tolentino:** depoimento [junho, 2013]. Entrevista concedida à Giane Vargas Escobar. Santa Maria, 2013.

VARINE, Hugues de. **Um instrumento do desenvolvimento:** o museu. In VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimonio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria de Lourdes Parreira Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. p. 171-201.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomás Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.